

Agenda Econômica[Ata da reunião do Copom - BACEN](#)[Balança comercial de fevereiro - MDIC](#)[Índice dos gerentes de compras do setor industrial brasileiro em fevereiro - Markit](#)ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE**ETENE****Análise e Perspectivas****Atividade econômica diminuiu 4,3% no Nordeste em 2016**

“A perda de dinamismo da economia nordestina se deve, em grande medida, à desaceleração dos fatores que vinham impulsionando o crescimento na Região. Dentre as causas que contribuíram para esse resultado, do lado da oferta estão o impacto do ajuste fiscal sobre os repasses de recursos federais aos Estados, o fraco desempenho do setor de serviços, do comércio varejista, além da baixa atividade industrial.”

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-BR) confirma a tendência de queda da economia no Brasil e no Nordeste para o ano de 2016. Este índice constitui-se em uma estimativa dos resultados do Produto Interno Bruto (PIB), medido pelo IBGE.

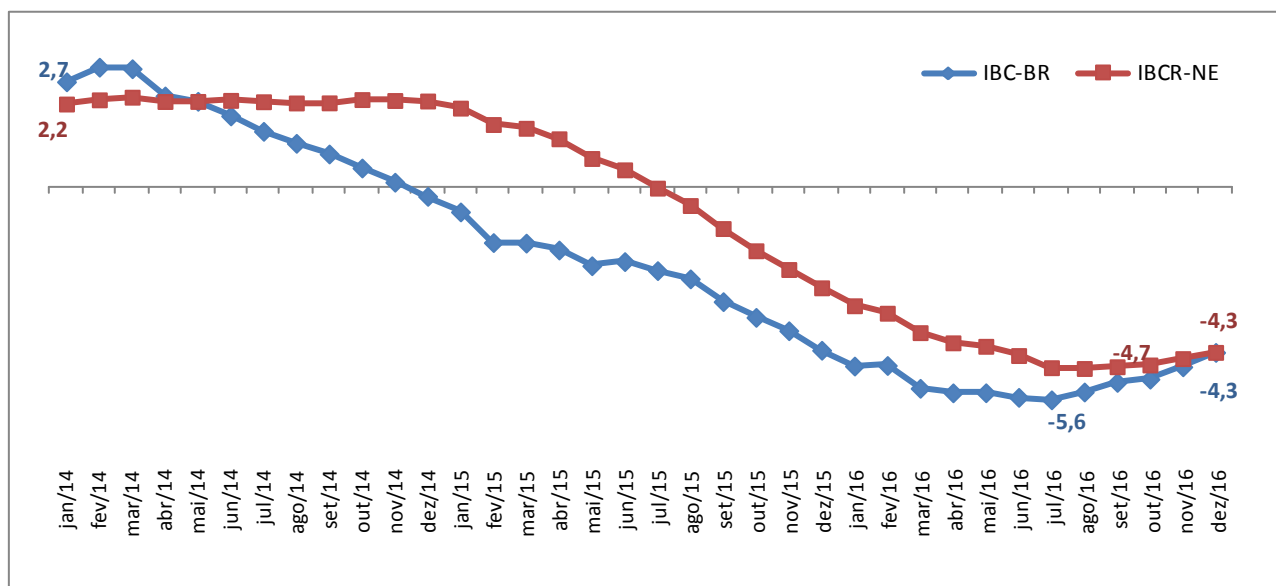
De acordo com o Banco Central (BACEN), foram estimadas quedas do PIB de 4,3% para ambas as economias do Brasil e Nordeste no ano de 2016, comparativamente ao ano de 2015.

Porém, ao se observar o Gráfico 1, que trata da taxa de

crescimento do IBC-BR acumulado nos últimos 12 meses em relação a igual período de 12 meses anteriores, constata-se uma desaceleração do processo da recessão econômica no País e no Nordeste. No Brasil, o declínio mais acentuado ocorreu em julho de 2016 (-5,6%).

Historicamente, o desempenho do PIB do Nordeste acompanha, com certo atraso, o desempenho da economia do Brasil. Verifica-se no Gráfico 1 que o nível mais acentuado da recessão do Nordeste ocorreu em setembro de 2016 (-4,7%).

Gráfico 1 – Taxa de crescimento do Índice de Atividade Econômica do Banco Central para Brasil (IBC-BR), Índice de Atividade Econômica Regional para Nordeste – Em % – Acumulado dos últimos 12 meses em relação a igual período de 12 meses anteriores – Janeiro/2014 a Dezembro/2016



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

A perda de dinamismo da economia nordestina se deve, em grande medida, à desaceleração dos fatores que vinham impulsionando o crescimento na Região. Dentre as causas que contribuíram para esse resultado,

do lado da oferta estão o impacto do ajuste fiscal sobre os repasses de recursos federais aos Estados, o fraco desempenho do setor de serviços, do comércio varejista, além da baixa atividade industrial.

Análise e Perspectivas

Atividade econômica diminuiu 4,3% no Nordeste em 2016

Pelo lado da demanda, o consumo das famílias vem sendo atingido principalmente pela forte deterioração do mercado de trabalho na Região, com queda acentuada do rendimento médio real seguido pela diminuição do nível de ocupação.

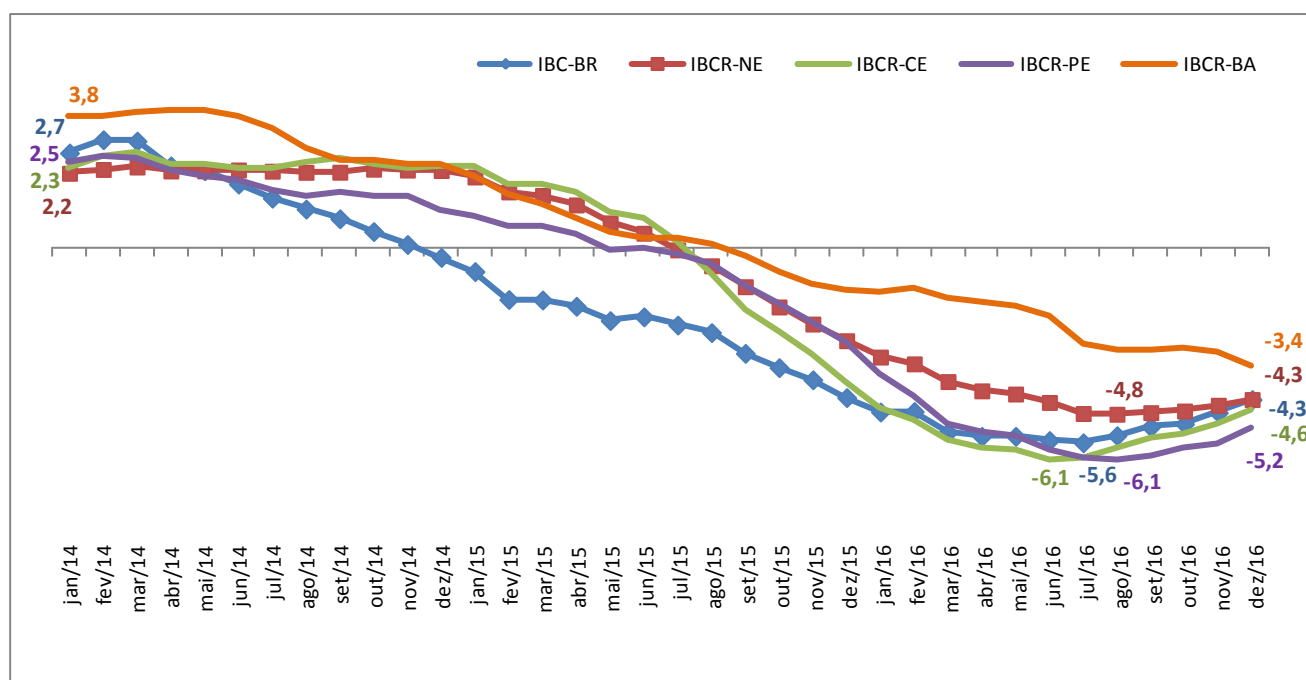
A atividade econômica do Nordeste tem sido influenciada, sobretudo, pela magnitude dos resultados negativos verificados nos estados da Bahia, Ceará e Pernambuco, que representam aproximadamente 60% do PIB do Nordeste.

O Banco Central analisa sistematicamente o desempenho das atividades econômicas dos referidos estados através do Índice de Atividade Econômica do Banco Central para

as Regiões (IBCR), que é útil para a análise e acompanhamento da economia regional, pois se constitui em um indicador antecedente do desempenho do PIB regional e estadual.

No Gráfico 2, observa-se que o desempenho da Bahia não ajudou a amenizar o declínio econômico no Nordeste, vez que a recessão tem se aprofundado desde setembro de 2015, tendo alcançado -3,4% em 2016, e ainda sem perspectivas de reversão dessa tendência. Como atenuante, o nível de declínio ora em curso está menos acentuado em comparação com o desempenho do Nordeste (-4,3%).

Gráfico 2 – Taxa de crescimento do Índice de Atividade Econômica do Banco Central para o Brasil (IBC-BR), Índice de Atividade Econômica Regional para Nordeste (IBCR-NE), (IBCR-BA), (IBCR-PE) e (IBCR-CE) – Em % – Acumulado dos últimos 12 meses em relação a igual período de 12 meses anteriores – Janeiro/2014 a Dezembro/2016



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Verifica-se no Gráfico 3 que o volume de vendas do comércio, o volume de serviços e especialmente a produção física industrial estão correlacionados (acompanham) o nível de declínio da economia baiana. Assim, espera-se que a melhora da indústria acarrete a recuperação econômica da Bahia, o que não aconteceu com a produção industrial em 2016, que teve queda de 5,2%. De acordo com o IBGE, no acumulado do ano em 2016 em relação ao ano de 2015, as indústrias de outros equipamentos de transportes, exceto veículos (-33,8%) e

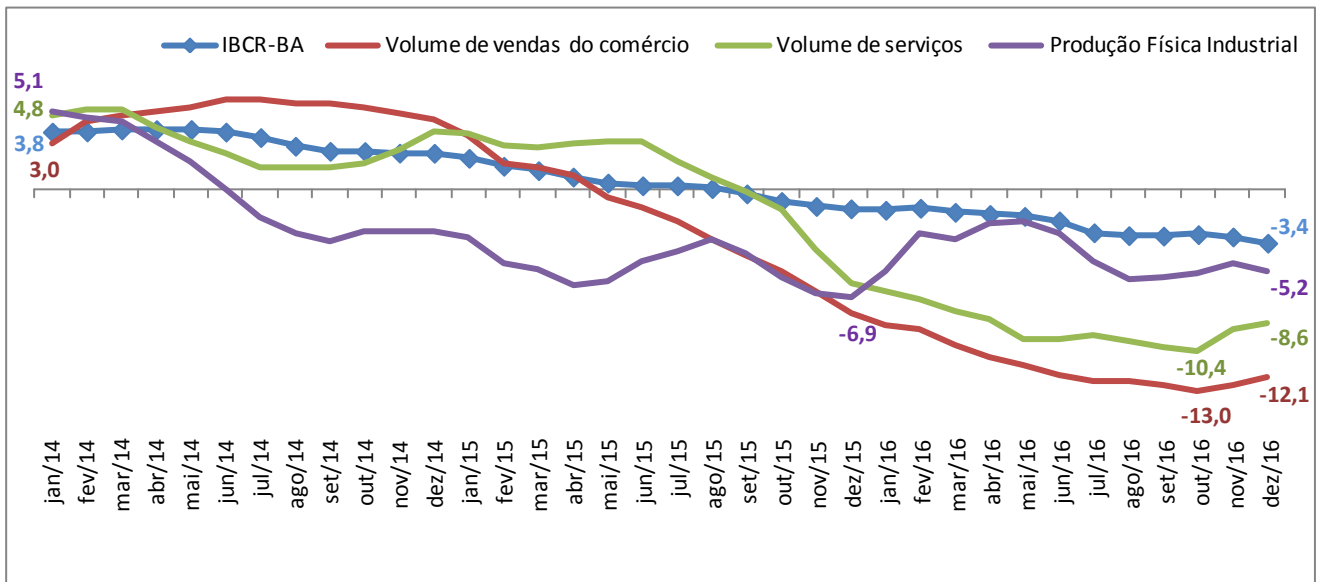
de produtos têxteis (-22,3%) foram as que mais recuaram no Estado.

Por outro lado, os Estados de Pernambuco e Ceará, apesar de estarem em nível de retração maior que a Bahia, auxiliaram no processo de arrefecimento do quadro recessivo em curso no Nordeste. O Gráfico 2 mostra que o ponto de inflexão para a desaceleração do recuo econômico do Ceará ocorreu em junho de 2016 (-6,1%), tendo registrado uma queda de -4,6% em 2016 quando comparado a 2015.

Análise e Perspectivas

Atividade econômica diminuiu 4,3% no Nordeste em 2016

Gráfico 3 – Taxa de crescimento do Índice de Atividade Econômica do Banco Central para Bahia, (IBCR-BA), Volume de Vendas do Comércio, Volume de Serviços, Produção Física Industrial – Em % – Acumulado dos últimos 12 meses em relação a igual período de 12 meses anteriores – Janeiro/2014 a Dezembro/2016

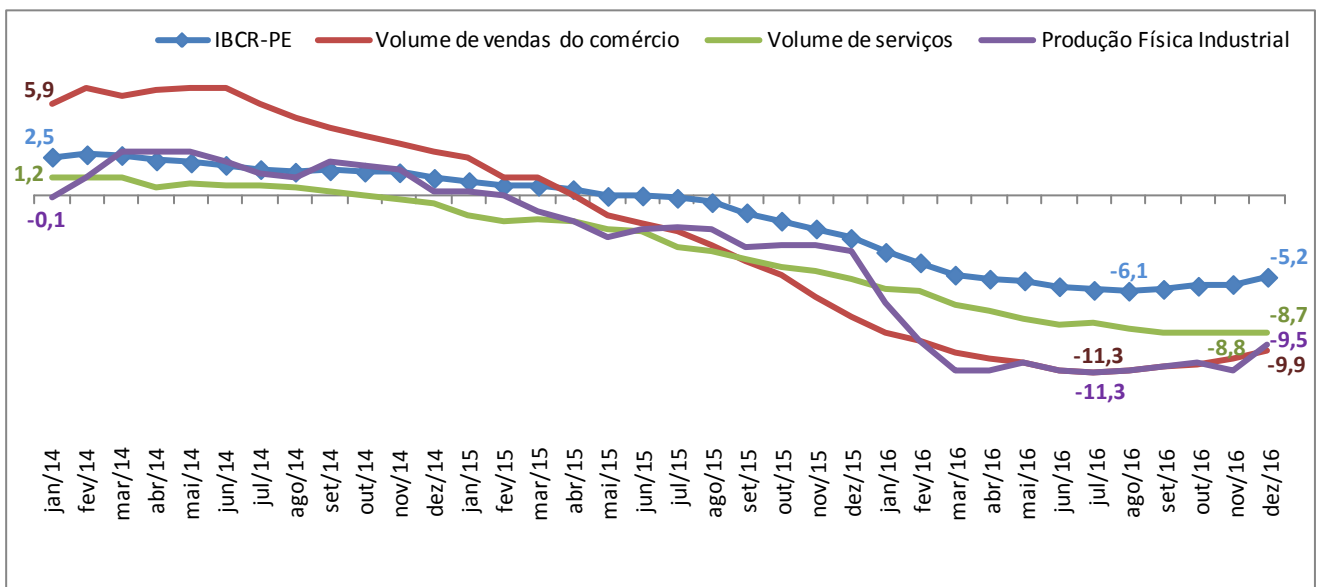


Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

O nível mais elevado da recessão econômica em Pernambuco (-6,1%) ocorreu em agosto de 2016 e terminou o ano com queda menor (-5,2%), segundo o IBCR-PE. Em julho do ano passado, verificou-se recuo máximo na produção industrial (-11,3%) e no volume de vendas do comércio (-11,3%), sendo estas duas variáveis

calculadas pelo IBGE. Por outro lado, no final de 2016, o declínio foi menor, de -9,5% e -9,9%, respectivamente (Gráfico 4). Conforme o IBGE, no ano 2016 em relação a 2015, a indústria que mais decresceu foi a extrativa (-21,1%) e em seguida a fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-20,3%).

Gráfico 4 – Taxa de crescimento do Índice de Atividade Econômica do Banco Central para Pernambuco (IBCR-PE), Volume de Vendas do Comércio, Volume de Serviços, Produção Física Industrial – Em % – Acumulado dos últimos 12 meses em relação a igual período de 12 meses anteriores – Janeiro/2014 a Dezembro/2016



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

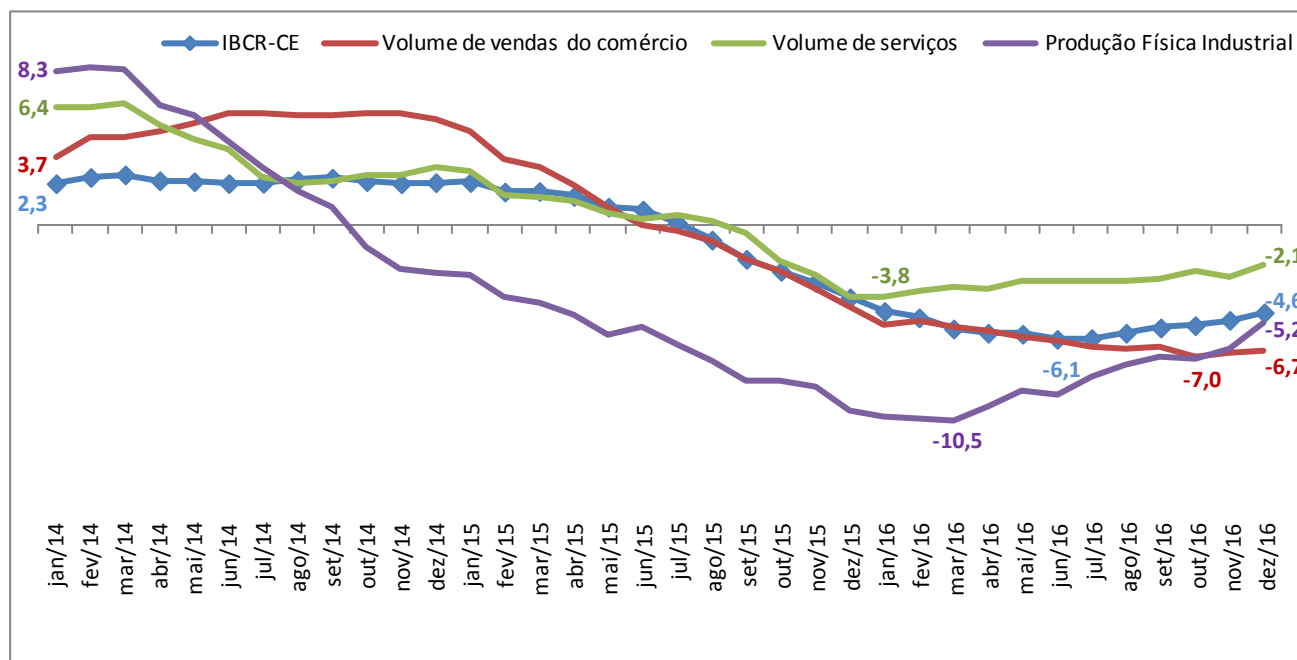
Análise e Perspectivas

Atividade econômica diminuiu 4,3% no Nordeste em 2016

Por sua vez, o desempenho da produção industrial e o do setor de serviços ajudaram o Estado do Ceará a sair do auge da crise econômica, que ocorreu em junho de 2016 e terminou o ano com leve melhora de -4,6%, conforme Gráfico 5. O pior desempenho da indústria cearense verificou-se em março de 2016 (-10,5%) e finalizou o ano em -5,2%. Em relação ao volume de serviços, a taxa de maior declínio ocorreu em dezembro de 2015 (-3,8%) e

no final de 2016 foi a -2,1%. O comércio atingiu seu máximo declínio em outubro de 2016 (-7,0%) e terminou o ano em queda de 6,7%. Conforme o IBGE, no ano de 2016 em relação a 2015, a fabricação de produtos têxteis (+3,6%), fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis (+11,1%) e fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+0,8%) foram as que cresceram no Ceará.

Gráfico 5 – Taxa de crescimento do Índice de Atividade Econômica do Banco Central para Ceará (IBCR-CE), Volume de Vendas do Comércio, Volume de Serviços, Produção Física Industrial – Em % – Acumulado dos últimos 12 meses em relação a igual período de 12 meses anteriores – Janeiro/2014 a Dezembro/2016



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Apesar da retração econômica apresentar sinais de arrefecimento, a recuperação econômica tende a ser lenta e modesta, tanto para o Brasil quanto para o Nordeste.

O nível de ociosidade das empresas, as restrições creditícias, as elevadas taxas de juros, o câmbio valorizado, a redução dos investimentos públicos, a deterioração do poder de compra das famílias e o

endividamento generalizado dificultam a retomada da recuperação econômica. Especificamente no Nordeste, o fortalecimento das cadeias nacionais e locais do petróleo, gás e construção civil serão vitais para a retomada do crescimento econômico.

Fonte: Elaborado pelo Banco do Nordeste / ETENE, com dados do BACEN e IBGE. Autor: Biágio de oliveira Mendes Junior, Economista do BNB/ETENE, Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Aírton Saboya Valente Junior. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Biágio de Oliveira Mendes Junior, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire e Liliane Cordeiro Barroso. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Projeto Gráfico: Ronildo Sampaio Cardoso. Diagramação: Gustavo Bezerra Carvalho. Estagiária: Francisca Crisia Diniz Alves. Jovem Aprendiz: Anderson Acioly da Silva.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.